

# APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA DOENÇA NO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULOS XVIII E XIX)

Notes for a history of the illness in  
Rio Grande do Sul (XVIII and XIX centuries)

Nikelen Acosta Witter\*

## Resumo

Até o início do século XX, a importância dada aos fatores ambientais no entendimento da saúde fez com que boa parte da documentação produzida sobre o assunto reputasse ao Rio Grande do Sul um grau de salubridade superior a outras partes do Brasil. Governantes, curadores e viajantes fizeram uma leitura do clima e das formas de vida da região como sendo a origem de um ambiente extremamente saudável a vida humana e a sua reprodução. Esse artigo tem por objetivo fazer um levantamento dos fatores que contribuíram para essa idealização, bem como um inventário das doenças vividas pelos habitantes do sul do país. Nossa intenção é, através destes, perceber o valor de ambas na construção da compreensão da saúde e da doença que aí passaram a fazer parte da cultura e da ação social.

## Palavras-chaves

Doença – Saúde – Rio Grande do Sul – Séculos XVIII e XIX.

## Introdução

Em 1928, o sanitarista Belisário Penna foi convidado por Getúlio Vargas para organizar os serviços de saúde no RS. Naquela ocasião, ele proferiu uma conferência na qual tecia largos elogios a

---

\* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CNPq. Professora do Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). E.mail: [nikelen@uol.com.br](mailto:nikelen@uol.com.br).

natural salubridade da região. O clima e a natureza do Rio Grande do Sul teriam sempre permitido o saudável desenvolvimento de seus habitantes, a não ser quando obstados por outros elementos, como os “recentes” (para a época em que Belisário falava) desajustes de ordem econômica ou urbana (PENNA, 1928). O que nos chama a atenção nessa história é a extraordinária continuidade da idéia de que o ambiente do sul do Brasil foi, desde o início da conquista do território, uma das regiões mais saudáveis do país. Desde que os primeiros cronistas e viajantes descreveram aquele espaço, a vegetação progressivamente mais baixa, dos ventos e temperaturas menos tórridas foi traduzida como uma garantia de ares mais salubres. Embora, ao longo do século XIX, as condições iniciais do ambiente ocupado tenham se modificado, o Rio Grande continuou a ser descrito como tendo o mais hospitaleiro dos climas. Meu interesse aqui é entender como essa compreensão de mundo foi elaborada.

As sociedades do passado, assim como a nossa, se preocuparam não somente em determinar se alguns ambientes poderiam ser objetivamente inóspitos, como também estabeleceram as diferenças conceituais entre os elementos que poderiam significar saúde e os que poderiam significar um passo para a morte. A partir da percepção desta preocupação, podemos divisar mais um campo de investigação no amplo espectro de estudos da história da saúde e da doença. Este busca, além do entendimento do intercâmbio entre humanos e outras espécies, compreender também as formas como aqueles apreenderam e qualificaram o que estava fora deles, em especial, o ambiente em que viviam. A dinâmica destas interações, tão amplas e mutantes quanto as formas sociais em que os seres humanos se organizaram, alternou períodos de equilíbrio e de caos, os quais, muitas vezes, modificaram significativamente a vida e as escolhas de seus protagonistas. Minha intenção aqui é divisar o entendimento da relação saúde-doença-ambiente pelos habitantes do extremo sul do Brasil, no período que se estende da chegada dos primeiros povoadores/conquistadores de origem portuguesa às primeiras décadas do século XIX. De fato, este artigo tem dois objetivos: primeiro, fornecer subsídios para introduzir debates sobre o tema e, segundo, demonstrar – e mesmo provocar outros pesquisadores – sobre a necessidade de estudos mais aprofundados para o tempo que se estende do século XVIII às primeiras décadas do XIX.

Inicialmente, é preciso buscar diferenciar e dimensionar essa região particular no espaço e na História do Brasil. De fato, uma investigação que tenha como meta o estudo da saúde e da doença na história de um território deve estar atenta às características geológicas apresentadas por ele e por seus povoadores. Na verdade, não há nenhuma novidade nisto. Muitos estudiosos das doenças e das formas de cura, pelo menos desde Hipócrates e seu “*Ares, Águas e Lugares*”, trabalharam nesse caminho de investigação, isto é, ligando região e doença. O século XVIII, por exemplo, é prolífico em trabalhos deste tipo, em que autores médicos se dedicavam em investigar a geografia física, a história natural, a alimentação, a moradia, os costumes dos habitantes e sua relação com a ocorrência de doenças endêmicas, epidêmicas e esporádicas (ROSEN, 1993, p.139). Entretanto, a revolução bacteriológica que permitiu à medicina resolver problemas de doenças sem se preocupar diretamente com o ambiente, parece ter influenciado também alguns estudiosos, os quais, muitas vezes, têm produzido trabalhos que são exaustivos acerca dos mecanismos das doenças e do contágio, mas que pouco se atêm às questões que dizem respeito à interação com o ambiente na origem das doenças. É claro que não é minha proposta aqui assumir as investigações médicas do século XVIII como um programa para uma investigação de história da saúde e da doença. Contudo, creio que um olhar sobre o ambiente em si e sobre como os seres humanos o apreenderam pode ser um elemento de grande valia para que se compreendam: as escolhas individuais e coletivas; os caminhos trilhados, com suas aceitações e resistências; e a pauta de debates e reivindicações de cada sociedade no que diz respeito à saúde e à doença.

Além disso, mesmo num estudo sócio-histórico, é importante que se tenha claro que, entre os inúmeros conceitos com que se tem tentado definir saúde e doença, é quase impossível deixar-se de fora uma idéia de interação<sup>1</sup>. A natureza é formada pelo equilíbrio e o desequilíbrio entre as diversas espécies que a compõem, isto é, por um intercâmbio dinâmico e imprevisível que perpassa a todos os seres vivos: humanos, plantas, animais e microrganismos. Estes, em contínuas trocas, compõem o processo que chamamos de vida em um conjunto absolutamente inseparável. No caso dos patógenos

---

<sup>1</sup> Sobre os conceitos de doença como interação ver McNEILL, 1989, p. 7; HEGENBERG, 1998; e CZERESNIA, 1997, cap.s II, III, IV.

causadores de doenças: “A prolongada interação entre hospedeiros humanos e organismos infecciosos, através de muitas gerações e saudavelmente numerosas populações de cada lado, acabou criando um padrão de adaptação mútua, o qual leva ambas a sobreviver\*\*” (McNEILL, 1989, p.9).

Dessa forma, interessa aqui fazer um pequeno inventário das condições ambientais que “brasileiros”, europeus e africanos encontraram ao iniciarem a conquista do território que hoje faz parte do Rio Grande do Sul. A partir daí, analisar como estes apreenderam esta nova paisagem e a recriaram em suas observações e escritos. Para isso, é importante, numa abordagem inicial como esta se propõe ser, que se faça uma releitura dos primeiros cronistas, viajantes e observadores daquela terra. Esses autores nos fornecem algumas chaves para a compreensão daquele ambiente e dos costumes adaptados e engendrados pela interação das populações com a região em termos de recursos para a saúde. Outras fontes importantes para esse estudo são a documentação militar, os inventários *post mortem* e os relatórios dos presidentes da Província. Feito isso, interessa perceber o esforço na construção real e imaginária da saúde e da doença num mundo novo, no contexto do avanço da civilização portuguesa na América, e, ao mesmo tempo, antigo, na busca de elementos de familiaridade que remetessem ao restante do Brasil e também à Europa.

Assim, conduzirei este estudo da seguinte forma. Primeiro, uma análise de como as diferenças geo-ecológicas do sul em relação ao nordeste e sudeste do Brasil foram sentidas e apreendidas ao longo do primeiro século da ocupação luso-portuguesa (1730-1830). Depois, acredito ser importante compreender a chegada dos europeus ao Rio Grande dentro de um contexto ecológico e nosológico maior: o da conquista da América, pois tal pode nos dar a idéia de quais eram as bases sobre as quais os conquistadores construíam suas noções de salubre e insalubre. Em terceiro, poderemos ver como alguns costumes, conforme observados por viajantes estrangeiros e alguns residentes, que além de trazerem a marca da mistura com as populações mais antigas, faziam parte de uma compreensão de saúde e de ambiente. Por fim, farei um pequeno estudo sobre o entendimento e a construção das idéias e das práticas sobre salubridade e insalubridade entre o

---

\*\* Tradução da autora.

século XVIII e a primeira metade do século XIX.

### **Ao sul dos trópicos**

Geográfica e ecologicamente, o extremo sul é uma terra bastante diferente daquelas que os europeus conquistaram na zona tropical do globo. Mais fria e úmida, mais ventosa e com uma vegetação progressivamente mais baixa. É um mundo diverso das zonas quentes, não só em termos de clima e vegetação, mas também de fauna e na seqüência das quatro estações do ano – aí quase sempre bem definidas – com outonos chuvosos, invernos frios, primaveras ventosas e verões muito quentes. Muitos dos primeiros cronistas, ao descreverem a terra, viam nela elementos que a aproximavam de Portugal e da Europa e que eles traduziram como aspectos estimulantes à conquista. No entanto, a civilização colonial que se desdobrou para o sul, avançando o território de domínio português em direção ao Rio da Prata, foi, em muitos aspectos, diferente daquela que aportou no lugar que denominamos Bahia e desceu em direção aos espaços que se tornaram o Rio de Janeiro e São Paulo. É certo que a região platina sempre exerceu um fascínio sobre os aventureiros portugueses, interessados em traficar ameríndios da América espanhola e pilhar metais, mas foi somente em fins do século XVII, com a fundação da Colônia de Sacramento (1680), que o avanço para o sul se tornou uma empreitada organizada sob os auspícios do império Português. Para o frio e desolado litoral que se estendia abaixo da vila de Laguna, em Santa Catarina, deslocaram-se paulistas, baianos, mineiros, pernambucanos, cariocas – isso sem falar nos africanos – homens que, por força de trabalho e mestiçagem, estavam adaptados aos trópicos e a climas mais amenos que aqueles oferecidos no sul.

Pode-se dizer, guardadas as devidas proporções, que se tratou do avanço de um mundo tropical sobre um mundo temperado e não o contrário, como ocorrera na conquista do nordeste e sudeste do Brasil quase 200 anos antes. Apesar do entusiasmo edenizador de alguns dos primeiros cronistas do território sulino, também pode se encontrar outros observadores que se delongaram em descrever a tristeza do inverno, o excesso de chuvas e vento, a monotonia das paisagens do litoral e dos campos em relação àquelas vistas nas regiões mais ao norte do Brasil. O fato é que, analogamente ao que acontecera no início da colonização do Novo Mundo, o processo de expansão para o novo território produziu

descrições e discursos que tentavam integrar e compreender as diferenças que os conquistadores encontravam. No caso do sul, aquilo que não se assemelhava ao que se conhecia da América parece ter sido assimilado ao Velho Mundo. Logo, alguns autores construíram uma nova imagem de paraíso. Não mais um paraíso de delícias tropicais e de sol o ano todo, mas a de um paraíso que lembrava a Europa, que lembrava os céus e o clima de Portugal. Essa associação foi elaborada lenta e continuamente por todo o século XVIII e boa parte do XIX e o resultado ficou marcado no esforço consciente e inconsciente de adaptar espécies europeias de flora e fauna a esse espaço, numa “tentativa” de construir um tipo de “paraíso misto”, com o melhor do Velho e do Novo Mundo.

Alfred Crosby em sua obra *Imperialismo Ecológico* narra esse esforço – que ele denomina de construção das neo-Europas – como uma obra, muitas vezes, levada a cabo quase ao acaso pelos homens e mulheres envolvidos; e sustentada, especialmente, pela semelhança do clima e pela rápida adaptação das espécies europeias (CROSBY, 1993)<sup>2</sup>. Embora o ambiente tenha sido aí uma peça fundamental, não me parece que esta tenha sido uma tarefa tão descuidada. É claro que o expansionismo europeu sempre levou consigo seu modelo de sociedade. A pergunta é: por que esse modelo funcionou (no sentido de recriar o estilo de vida) mais em alguns lugares do que em outros? A resposta de Crosby é a de que as semelhanças de clima, ambiente e, principalmente, as vantagens biológicas dos europeus e de sua “família ampliada” (termo do autor) de plantas, animais e parasitas foram os responsáveis pelo sucesso dos colonizadores. Certamente que sim. O que, no entanto, acredito que não pode ser descartado, como uma das peças deste jogo, foi o empenho, muito humano, em “ver” semelhanças e em construir (planta por planta, bicho por bicho) uma “neo-Europa” (para usar o conceito de Crosby). Por outro lado, o trabalho de transformar o ambiente do sul do Brasil e assemelhá-lo ao europeu fez, certamente, parte de um processo natural amplo, iniciado mesmo antes do povoamento português (como no caso de doenças, plantas e animais que parecem mesmo ter precedido os conquistadores estrangeiros). Contudo, foi, igualmente, um processo alimentado

---

<sup>2</sup> O autor desenvolve a tese das neo-Europas, regiões do globo em que os europeus tiveram mais sucesso em recriar os modos de vida em termos de ambiente e sociedade. Estas regiões seriam: a América do Norte, a Austrália, a Nova Zelândia e, na América do Sul, a Argentina, o Uruguai e os estados da região sul do Brasil.

continuamente no tempo, tanto no plano das idéias como das ações por cronistas, viajantes, políticos e pelos historiadores de boa parte do século XX.

No que diz respeito à expansão para o sul, certamente as vantagens econômicas eram bastante sedutoras àqueles aventureiros a quem a América ainda não havia dado mais que uma miragem de riqueza. Além do contrabando e do sonho de se encontrar minas de ouro e prata (que alguns acreditavam estar sob o poder dos jesuítas espanhóis e de suas Missões), os amplos pastos do sul, ainda sem proprietários (no sentido europeu), embora não sem habitantes, repletos de gado selvagem e sem dono (provavelmente desgarrados das missões jesuíticas espanholas em sua primeira fase no Tape<sup>3</sup>) pareciam ser um outro *El Dorado*, “pronto” a ser desbravado e possuído. Entretanto, não foi apenas a sedução dos ganhos econômicos que atraiu para terras do sul os homens do norte.

Desde fins do século XVII, os aventureiros que passavam pela região produziram descrições que pretendiam convencer as autoridades e o vulgo, de que este era um caminho bom, justo, e de “saudáveis” resultados, econômicos e físicos, à expansão de Portugal. Afinal, era necessário ampliar os ganhos, mas também a civilização portuguesa e a fé católica. A leitura dos primeiros cronistas a descreverem as terras do sul demonstra o esforço na edificação de um olhar sobre a região que pudesse atrair tanto povoadores quanto os interesses da Coroa. Nessa construção imaginária se percebe que era no ambiente como um todo (e não apenas nas vantagens da proximidade com o território de Espanha), no que era e no que podia oferecer, que se centrava o discurso que pretendia convencer acerca da propriedade do povoamento.

---

<sup>3</sup> Tape era o nome de um dos grupos guaranis que viviam no sul e era o nome dado a terra “situada mais ou menos no que hoje seria a região central do Rio Grande do Sul (exceto o planalto), compreendida entre os rios Uruguai e Caí e abrangendo os vales fluviais dos rios Jacuí, Ibicuí, Taquarí e outros”. Os jesuítas portugueses aí tentaram missões entre os indígenas no início do século XVII, mas acabaram retornando em função dos interesses dos bandeirantes paulistas e para não entrar em conflito com a jurisdição dos jesuítas espanhóis (KÜHN, 2002). Na década de 1620, foi a vez dos jesuítas vindos do território de Espanha penetrarem na região e estabelecerem reduções entre os nativos, porém menos de dez anos depois do início da experiência, estes tiveram de fugir para o Paraguai em razão dos ataques dos bandeirantes e de grandes epidemias. Sobre a ocorrência das epidemias nas missões jesuíticas espanholas ver RESENDE, 2003, p. 232 e ss.

O que chama a atenção nessas descrições é o caráter híbrido, isto é, as tentativas de vincular América e Europa, com que os cronistas apresentavam as terras ao sul da ilha de Santa Catarina:

[...] no tocante à disposição e a largueza da terra é capaz de agasalhar muitos mil moradores e nos parece que S. Majestade que Deus guarde teria muita conveniência mandando-a povoar e os moradores que vierem para ela o estarem muito melhor porquanto os ares e o clima são os mesmos que os de Portugal, que plantando-se trigo e cevada se dá melhor que na mesma Europa; os mantimentos do Brasil muito melhor nessa terra que em toda a América, muitas campanhas para se criar gado vacum e com todas as conveniências que se podem desejar os ditos moradores (...) nos consta (...) ser o dito Rio Grande a melhor terra de toda a América do Brasil para se povoar, onde se pode acomodar, sem que nele se mostre os milhões de moradores que tiver em si, pelas grandes e dilatadas campanhas que tem [...]. (Apud CÉSAR, 1998, p.73-74).<sup>4</sup>

“O melhor da América e o melhor de Portugal”, esta era a imagem que inicialmente os primeiros homens a descrever, o que viria a ser o extremo sul do Brasil, buscavam construir. Imagem esta que perdurará em muitos dos observadores, século XIX adentro (ver NOAL FILHO e FRANCO, 2004). O quadro pintado pretendia se mostrar interessante tanto aos aventureiros “brasileiros” quanto a possíveis povoadores mandados vir de Portugal pela Coroa, os quais estariam, deixavam eles subentender, melhor que os que fossem para as regiões mais ao norte por causa das semelhanças do clima com o de Portugal. Logo, “paulistas” e “lagunenses” começaram a descer em direção ao sul e, em meados do século XVIII, começaram a vir casais dos Açores com o intuito de povoar as terras que se estendiam para além do Rio Grande<sup>5</sup>. Os grandes espaços com povoações esparsas pareciam um convite aos desbravadores, um horizonte aberto, sem muitos obstáculos a impedir o deslocamento de homens e animais domésticos. Entretanto, o avanço não foi tão simples e nem se estendeu sobre “terras de ninguém”, como os portugueses costumavam chamar a

---

<sup>4</sup> Informação do Juiz e Oficiais da Câmara de Laguna de Santo Antônio, datada de 06 de janeiro de 1715 (Anexo ao Documento n. 4000). In Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil, por Eduardo de Castro e Almeida, pp.407-408.

<sup>5</sup> A denominação Rio Grande é geograficamente complicada, pois tanto se refere à Laguna, como à série de lagoas que acompanham o litoral do Rio Grande do Sul, como à Lagoa dos Patos. No caso aqui, o nome é usado para designar esta última.

fronteira com o império Espanhol. A conquista do sul se deu em meio à guerra com indígenas e espanhóis, à apropriação de terras para a preia e criação de gado vacum, ao contrabando e às idas e vindas de uma fronteira que somente se estabilizou em meados do século XIX, sem que, no entanto, se extinguissem os conflitos – praticamente um por década até os anos 1870 (KÜHN, 2002, p. 49-64).

É claro que os percalços do avanço português criaram descrições menos abonadoras. Já em 1737, quando é fundada a Fortaleza de Jesus-Maria-José, na barra do Rio Grande (na saída da Lagoa dos Patos), os homens que aí se estabeleceram perceberam na distância das áreas mais povoadas a falta das comodidades de sua época e demonstraram uma visão mais amarga, embora não menos esperançosa, do então chamado Continente de São Pedro:

A este país, meu senhor, tenho chamado a terra dos muitos e – ouça Vossa Mercê a razão – com toda verdade, porque aqui há muita carne, muito peixe, muito pato, muita marreca, muito maçarico real, muita perdiz, muito jacum, muito laticínio, muito ananás, muita courama, muita madeira, muito barro, muito bálsamo, muita serra, muito lago e muito pântano; no verão muita calma, muita mosca, muita motuca, muito mosquito, muita polilha, muita pulga; no inverno muita chuva, muito vento, muito frio, muito trovão, e, com todo o tempo, muito trabalho, muita faxina, muito excelente ar, muita boa água, muita saúde para servir a Vossa Mercê; pode produzir, como já experimentamos, muita balancia (melancia), muita abóbora, muito legume, muita hortaliça, e, porque com uma palavra diga o que mais importa a Vossa Mercê, também há muita falta de tudo o mais para a vida e para o luxo (...). (Apud CÉSAR, 1998, p. 110-111).<sup>6</sup>

As palavras são do segundo governador do Rio Grande, André Ribeiro Coutinho, e nelas, apesar de um certo mau humor com as dificuldades, se mantém o que vem a ser quase um modelo entre os cronistas. Primeiro, a percepção de semelhanças do clima com o europeu, isto é, estações definidas e a capacidade da terra de prover os mesmos gêneros que a Europa e ainda os que a América oferecia. Daí derivando a necessidade de se trazerem cultivadores para plantar e adaptar culturas valendo-se de “tamanha fertilidade”. Segundo, a salubridade dos amplos espaços, o bom regime de ventos, águas, chuvas e de temperaturas. As descrições do sul mantiveram esse “padrão” (à falta de palavra melhor) até boa

---

<sup>6</sup> Mestre-de-Campo André Ribeiro Coutinho – Carta datada de setembro de 1737.

parte do século XIX e depois ele foi retomado nas propagandas imigratórias em especial, em fins do mesmo século.

Alguns destes autores viam no ambiente mais que salubridade, no sentido de manter o corpo saudável. As terras e o clima apareciam em certas descrições como medicinais para as mais diversas moléstias. Nesses termos, o relato mais interessante é o do Brigadeiro José de Silva Paes, fundador da fortaleza-presídio Jesus-Maria-José e primeiro governador do Rio Grande. Silva Paes trouxe os primeiros povoadores: soldados, prisioneiros e prostitutas. Ele escreveu em 1742, quando era governador de Santa Catarina e teve de voltar ao Rio Grande para debelar um motim entre os soldados do forte:

Dei todas as providências que me pareceram precisas para a subsistência daquele presídio que ia acabar podendo segurar que é o **melhor clima que tem a América**, pois ainda ali não se experimentou, **nem houve sezões, nem febres malignas, e Mulheres que eu tinha mandado do Rio, as mais corridas, e Galicadas, sem cura melhoraram, e pariram quase todas.** (Grifos meus) (Apud Cesar, 1998, p. 129).<sup>7</sup>

A passagem é extremamente interessante, pois coaduna a benignidade do clima com a ausência de doenças e de mortes causadas por doenças, bem como com a capacidade de curar (no caso, a sífilis) e de devolver a fertilidade às mulheres, o que se ligaria também à fertilidade da própria terra. Mais adiante, o autor novamente louva essa capacidade criadora e chega a perguntar “se terra que tem essas circunstâncias é para desprezar”? Há aí, certamente, um interesse de se fazer uma propaganda da nova terra e também de convencer das vantagens em enfrentar os riscos da empreitada. Silva Paes, como outros aventureiros que descreveram o sul, tinha interesse e/ ou estava a serviço de justificar as intenções da Coroa portuguesa sobre terras que, a rigor, não eram suas.

O que, no entanto, chama a atenção, são as contínuas referências às salubridades da terra. Isso permite que se possam arriscar algumas conjecturas. Primeiro de que, no cálculo da conquista, clima, fertilidade e falta de doenças seriam fatores de equânime importância no interesse despertado pelo rendimento de uma nova área a ser tomada. E tão importantes, que poderiam ser exagerados, ou até mesmo inventados, para serem usados como

---

<sup>7</sup> Códice CV\_\_ 1-7 da Biblioteca de Évora, Portugal.

elementos de convencimento. Segundo, e isso pode ser percebido na medida em que os cronistas passam a ter uma menor ligação com os interesses portugueses, se pode crer que a visão das áreas urbanas mais ao norte, em comparação com os amplos espaços do sul, “vazios de grandes cidades”, fornecia um contraste de salubridade a que poucos escritores, de uma época amedrontada por miasmas e sezões, ficariam insensíveis. De fato, uma ocupação mais recente certamente oferecia aos olhos e narizes dos observadores um acúmulo menor de sujeira, pelo menos durante os primeiros tempos da colonização. Terceiro, pode se pensar que o esforço dos autores em ver no sul um clima semelhante ao europeu poderia corresponder à busca de uma proximidade com o conhecido, mas também a uma possibilidade de distanciamento dos males e enfermidades que se havia encontrado nos trópicos.

Um outro ponto que chama a atenção, diz respeito ao conceito de salubridade. Os observadores referiam-se e percebiam o conceito de salubridade como tocante a situações ambientais favoráveis à saúde. Estas eram definidas como a presença de bons ares, boas águas e pela não ocorrência de febres ou outros males debilitantes. Esta idéia diferia do entendimento de salubridade que nesse momento estava surgindo na ciência européia. Para os médicos modernos do Velho Mundo, o conceito de salubridade do ambiente passou, a partir de meados dos setecentos, a vir acompanhado da compreensão de que esta poderia ser controlada pela ação humana. Isso certamente não parece figurar nos escritos dos cronistas, os quais, pelo contrário, louvam justamente o ambiente que dispensava qualquer ingerência humana para promover saúde. Ingerência esta que não entrava na contabilidade dos bens do espaço, nem para torná-lo melhor, nem para torná-lo pior.

## **Conquistadores e Germes**

Entretanto, essa interação com o ambiente foi bem mais complexa que a percepção da terra em ares e águas salubres. Conquistadores e nativos representavam, uns para os outros, muitos ou mais perigos que as armas que portavam. De fato, a presença das doenças no itinerário da expansão européia tem rendido uma grande quantidade de estudos que tentam explicar, ao mesclarem história e biologia, os sucessos e insucessos de seu avanço sobre

os outros continentes. Autores como William McNeill (1989), Alfred Crosby (1993), Sheldon Watts (2001) e Jared Diamond (2002) ligam diretamente o imperialismo e o bem sucedido expansionismo da Europa ao uso voluntário e involuntário de determinadas vantagens biológicas, especialmente a interação com um número muito maior de patógenos do que aqueles dos quais as populações nativas estavam acostumadas. Embora com partes ainda polêmicas entre os historiadores, essas teorias buscam provar que o ocaso das civilizações americanas e o poder estabelecido sobre a África e a Ásia estiveram ligados a uma “guerra bacteriológica” e a um princípio de integração nosológica mundial ou, no conceito criado por Le Roi Ladurie nos anos 70 para as pestes européias (séculos VII e XIV), de unificação microbiana do mundo (LADURIE, 1978).

De fato, poucas dúvidas existem sobre o importante papel das epidemias nas conquistas européias, por outro lado, o processo, que a partir do século XV começou a unir sob uma única cartilha de doenças todos os continentes e povos do mundo, possui outros elementos além dos avanços dos imperialistas europeus. Não que pesem dúvidas sobre a lista de doenças vindas da Europa ser maior e mais mortífera que as americanas ou de outras regiões continentais isoladas do cadinho formado durante milênios por Europa, Ásia e norte da África. Porém, a rede de comércio mundial estabelecida do século XVI em diante não atuou apenas como uma exportadora de males, mas como transportadora. Ou seja, a chegada dos europeus foi catastrófica para muitos povos e as trocas que se estabeleceram a partir daí, deram foros globais a uma sangria populacional provocada por doenças infecciosas e epidêmicas que se entendeu até o início do século XX. A sífilis aparentemente saiu da América e foi para a Europa e daí para outros continentes; a varíola, embora já assustasse, pareceu ganhar forças e se tornou o grande flagelo mundial da época moderna; o cólera saiu da Ásia para aterrorizar o planeta no século XIX; a tuberculose emergiu e se espalhou desconhecendo fronteiras; as gripes, cada vez mais mortais, tornaram-se pesadelos sazonais para os povos de diversas partes do globo até a hecatombe de 1918. Os europeus pareceram exercer aí um papel preponderante, mas certamente, não único e nem a salvo das baixas provocadas pelas trocas de microrganismos e pela virulência das interações entre estes, muitas vezes, provocadoras de doenças aparentemente novas.

No caso do Rio Grande do Sul, as epidemias exerceram seu poder aniquilador antes mesmo de uma invasão maciça dos conquistadores pelo pampa. A partir de Buenos Aires em direção às missões jesuíticas do Paraguai e oeste do continente de São Pedro, a varíola parece ter sido a maior dos algozes a castigar as populações ameríndias ao longo do século XVII. Porém, as referências também apontam para a ocorrência avassaladora de inúmeras outras doenças infectocontagiosas – sarampo, gripes, tuberculose, tifo e malária – que contribuíram para a mortalidade em massa das populações indígenas.

Nas missões jesuíticas, as doenças já apareceram nos anos iniciais – os primeiros relatos já descreviam os surtos epidêmicos. Em 1614, o padre Cataldino relatava a tragédia em Santo Inácio, considerada uma das maiores e mais vistosas reduções. Ali se experimentou ‘grande mortandade pela enfermidade geral que havia’, o que obrigou os padres a acudir aos enfermos e persuadir os índios a se juntarem a outros povoados<sup>8</sup>. Essa decisão, obviamente, foi bastante infeliz. Contagiando os outros, as missões se viram tomadas de epidemias atroz. (RESENDE, 2003, p.232).

É certo que não se pode negar uma grande redução demográfica dos ameríndios da região, para a qual contribuíram: as epidemias, o apresamento para serem vendidos como escravos e as guerras da conquista do território. Embora, as primeiras, a julgar pelos comentários dos cronistas, tenham aparentemente diminuído de intensidade – mas não desaparecido – no século XVIII, as outras foram fatos constantes durante todo esse período. No entanto, as povoações de origem portuguesa, que se espalharam a partir do Rio Grande (a Lagoa dos Patos) e do sul de Santa Catarina, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, não se construíram sobre terras “vazias” e nem se tornaram isoladas pelas longas distâncias que as separavam. Conquanto a densidade populacional fosse de pouca monta, os contatos com o interior, com o Prata e com as regiões mais ao norte do Brasil foram contínuos (HAMEISTER, 2002) e, apesar do interesse dos observadores em louvar a salubridade do sul, os seus habitantes, recentes ou não, tiveram de lidar com todas as doenças que aterrorizavam o resto da América. Varíola, tifo, escarlatina, sífilis e toda uma série de doenças gastro-intestinais e pulmonares, ainda mal definidas,

---

<sup>8</sup> A autora baseia-se nas Cartas Anuais escritas pelos padres da Companhia de Jesus para seus superiores.

parecem ter feito parte do quadro nosológico do período<sup>9</sup>.

Contudo, a região não parece ter enfrentado nenhuma grande epidemia, ao menos que tenha marcado de forma terrível o período em questão, conforme sugere a documentação consultada<sup>10</sup>. Estudos mais aprofundados podem tanto alterar como confirmar essa idéia, mas certamente terão de levar em conta o mecanismo das interações entre as diferentes populações que aí vieram a conviver. De fato, é necessário atentar para a questão de serem os conquistadores um grupo extremamente heterogêneo e que trazia em suas malas e bagagens males e bactérias de outras terras para povoar as que encontravam. Segundo, os ameríndios, mesmo abatidos pelas epidemias, pelas lutas contra a escravidão e pelas guerras, ainda tinham forças tanto para mostrarem-se hostis quanto para integrarem o cadinho populacional e bacteriológico que aí se formava. Ora, uma tal mistura representou, sem dúvida, uma troca de perigos em termos de microrganismos, mas também uma troca de imunidades e resistências que podem ter contribuído para a pouca virulência das doenças descritas pelos observadores que por aí passaram na primeira metade do século XIX.

A “unificação microbiana do mundo”, porém, fez com que determinadas doenças, antes circunscritas a certas regiões, continuassem a se espalhar e acabassem por ser praticamente as mesmas em todo o globo (GRMEK, 1995). Entre idas e vindas de navegadores e exércitos modernos, o tifo e a disenteria se espalharam por onde houvesse guerra e miséria; entre os séculos XVIII e XIX, a varíola, a escarlatina, a difteria ou “croup”, a coqueluche e a meningite matavam no mundo todo, em especial, as crianças. Assim, foram nos contatos entre grupos diferentes que a exposição aos perigos das doenças se tornou maior. Num mundo globalizado isto se torna muito fácil. As mudanças no modo de vida dos indianos, causadas pela colonização inglesa, trouxeram o cólera para a Europa e depois para as Américas (WATTS, 2001). As guerras de fronteira entre os impérios português e espanhol provavelmente, e como era comum quando havia presença de exércitos, espalharam o tifo e aumentaram a incidência da sífilis no sul do Brasil<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Falas dos Governadores da Capitânia e Relatórios dos Presidentes da Província (AHRS – A07-01 a A07-06).

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Ver os Relatórios dos Presidentes da Província (AHRS – A07-01 a A07-06) e a

Entretanto, não se pode esquecer que fatores internos também podem gerar doenças e piorar os quadros nosológicos existentes. Mudanças na estrutura sócio-econômica, por exemplo, podiam agravar o mau estado de determinados assentamentos humanos, fazendo com que algumas doenças viessem a ter uma extensão muito maior e mais virulenta, assumindo proporções epidêmicas. Além disso, não se pode esquecer que nem todos os habitantes partilhavam das mesmas condições: ricos e pobres, senhores e escravos, também são variáveis importantes para se definir quais as doenças que se incidiam ou que eram partilhadas por categorias diferentes da população. Logo, a tão louvada salubridade do espaço sulino podia representar bem pouco frente à quantidade de misérias (físicas e sociais) que podiam portar seus novos e velhos habitantes.

### **O frio, a carne, o mate e a sombra dos laranjais**

Além do que era percebido do ambiente, a colonização luso-brasileira transformou e adaptou-se ao novo cenário, fatos que, sem dúvida, vieram contribuir para a modificação do entendimento das salubridades e insalubridades do ambiente. Nesse sentido, é interessante se ver nos costumes as formas como os sul-riograndenses traduziam a sua compreensão do ambiente em gestos e hábitos, os quais qualificavam em termos do que acreditavam ser saudável, isto é, daquilo que resguardava contra as doenças.

As primeiras informações referentes a hábitos próprios da população que aí habitava começaram a aparecer já no século XVIII. Uma das referências mais antigas aos costumes que a população costumava qualificar como saudáveis é, sem dúvida, as que diziam respeito ao consumo da erva-mate. “Tanto homens como as mulheres, têm grande paixão pelo tabaco, como igualmente por uma erva chamada mate, da qual usam ela grosseiramente pisada em um porongo, ou cuia com esta bebida por almoço além de mais que dela usam em todo o dia”.<sup>12</sup> Os sulriograndenses acreditavam

---

documentação existente no Arquivo Militar (AM), existente no AHRs (L180 à L189 – que contém parte da correspondência dos comandantes nas primeiras décadas do século XIX). Material gentilmente cedido pelo historiador José Iran Ribeiro.

<sup>12</sup> Francisco Ferreira de Souza, Descrição à Viagem do Rio Grande, 1777 (Código 148 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fls, 159-160v), (*Apud* CÉSAR, 1998, p.156).

ser este um hábito que os preservava de inúmeras moléstias. Muito cedo, portanto, apegaram-se à tradição indígena de tomar o mate, o qual consideravam o maior dos preservativos contra as intempéries, uma panacéia para diversos males e prolongadora da vida (SAINT-HILAIRE, 1987). Esta bebida, quente e amarga, feita da infusão do pó das folhas da erva-mate ou erva do Paraguai, era apresentada, desde a colônia, como um vício entre os ameríndios, o qual, inclusive poderia ser usado a favor do comércio português.<sup>13</sup> Mas o costume logo se espalhou entre os novos povoadores. O mate apareceu, então, descrito como um potente defensor contra diferentes males físicos. Era capaz de esquentar os corpos no inverno e refrescá-los no verão, podia até mesmo enganar a fome, pois a privação de alguns gêneros não era incomum neste mundo em que a fartura e a falta andavam juntas. Auguste Saint-Hilaire, viajante e naturalista francês que aí passou em 1821, que dedicou mais de uma passagem a registrar o costume do mate, diz numa delas:

Ainda dois mates antes de partir. O uso dessa bebida é geral aqui: toma-se mate no instante que se acorda e depois, várias vezes durante o dia. A chaleira está sempre no fogo e, logo que um estranho entre na casa, oferecem-lhe mate imediatamente. (...) Muito tem se elogiado essa bebida; dizem que é diurética, combate dores de cabeça, descansa o viajor (sic) de suas fadigas; e, na realidade, é provável que seu sabor amargo a torne estomacal e, por isso, seja talvez necessária numa região onde se come enorme quantidade de carne, sem mastigá-la convenientemente. Aqueles que estão acostumados ao mate, não podem privar-se dele, sem sofrerem incômodos (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 101).

Junto com o fumo (que na época também tinha fama de preservar o corpo), a aguardente – “muito medicinal”<sup>14</sup> –, a própria carne – que se acreditava dar mais fibra à constituição e caráter dos indivíduos, ou torná-los mais guerreiros e sanguinários (SAINT-HILAIRE, 1987, p.41) –, a erva-mate era, já em fins do século XVIII,

---

<sup>13</sup> Informação de Francisco Ribeiro sobre a Colônia do Sacramento, 1704. Biblioteca da Ajuda, Ms. 51-VI-24. (*Apud* CÉSAR, 1998, p. 65)

<sup>14</sup> Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS) – Fundo de Arquivos Particulares; L.42, M.9 – Cópias de Documentos do Arquivo de Assis Brasil sobre a Revolução Farroupilha, p.44. Ver também RIBEIRO (2001), o autor aponta as constantes reclamações das tropas em razão da falta de fumo, aguardente e erva mate. Sobre a crença nas propriedades medicinais das bebidas alcoólicas, ver VIGARELLO, 2001.

um artigo de consumo indispensável. Existia em todas as casas e era o primeiro elemento na estrutura da hospitalidade (ou seja, o que se oferecia aos visitantes), especialmente, entre os moradores das áreas rurais.

O altíssimo consumo de carne pelos habitantes da região foi igualmente um costume que cedo causou admiração aos estrangeiros e recém chegados. A carne parece ter sido um gênero abundante ao qual os sulriograndenses faziam uso em grandes quantidades em sua alimentação diária. Para os homens que se embrenhavam pelo interior, em direção à chamada Campanha, o gado era comida fresca cuja caça podia ser abundante em determinadas regiões ou épocas, o que facilitava os rápidos deslocamentos destes grupos que viviam à beira do nomadismo. É claro que nem sempre o gado era a única opção e, por vezes, também não era a mais fácil, pois secas e enchentes podiam tornar os rebanhos mais arredios e difíceis de encontrar. Nestes casos, qualquer coisa que se mexesse serviria como alimento e, como a fauna local não era composta apenas de gado vacum; também emas, tatus, veados, capivaras, entre outros, poderiam ser incluídos na dieta em caso de necessidade. O mercenário alemão Carl Seidler, que serviu nas tropas imperiais no Rio Grande entre o fim dos anos e 20 e início dos anos 30 do século XIX, comenta acerca desta fauna:

O viajante aqui encontra rebanhos de avestruzes (emas), muitos veados e não raro o jaguar ou tigre brasileiro. Aves selvagens, como patos, gansos, galinhas, perdizes, em certos lugares existem em quantidade. As avestruzes estão longe de atingir o tamanho e a beleza das africanas, raramente alcançam a altura de 5 ou 6 pés e sua plumagem é cor de cinza pontilhada de escuro. Sua carne serve de alimento principal a certas tribos indígenas, tem sabor inteiramente igual a carne de rês, seca e magra, e é muito fiapenta; só a gema dos ovos é tragável ao estômago europeu. Os veados destes campos tem cheiro muito desagradável, razão porque não servem para alimento, mas a carne dos veados-mateiros é de gosto muitíssimo agradável (SEIDLER, 2003, p. 141).

Mais adiante, em seu diário, Seidler comenta que em um momento de privação de suas rações, ele e seus companheiros de tropa foram obrigados a comer emas, cujo sabor ele reafirma ser desagradável para seus padrões. O consumo quase exclusivo de carne poderia ocorrer em algumas situações da vida dos habitantes do sul, principalmente entre soldados, tropeiros, carreteiros e outros

grupos cuja circulação pudesse dificultar o consumo de outros gêneros de alimentos. A carne era, na maioria das vezes, consumida apenas ligeiramente assada, costume herdado dos indígenas, conforme relatam as memórias dos padres jesuítas<sup>15</sup>. Durante a guerra do Paraguai, as rações dos soldados eram compostas, na maioria das vezes, somente de carne, pois nem sempre era possível abastecer as tropas com a farinha de mandioca que a acompanhava.<sup>16</sup> Aliás, reclamações sobre rações incompletas ou em que maiores porções de carne substituíam outros gêneros, ou ainda que quantidades de carne maiores eram requisitadas pelos soldados do sul são dados que aparecem na documentação desde, pelo menos, o final da Guerra Cisplatina (RIBEIRO, 2001). Nas vilas e nos ranchos, os pratos de carne também dominavam, mas eram comumente compostos com farinha de mandioca, batatas e até mesmo feijão (SAINT-HILAIRE, 1987).<sup>17</sup>

Outro hábito era o consumo de frutas. Laranjeiras e pessegueiros aparecem como referências constantes nas descrições da paisagem sulina. Nenhuma casa, nenhum quintal, fosse nas zonas urbanas ou nas rurais deixava de exibir um amplo pomar, especialmente, de laranjeiras (NOAL FILHO e FRANCO, 2004). As laranjas aparecem como doces em jantares sofisticados, como o oferecido pelo Conde da Figueira, governador da capitania em 1821, na vila de Rio Grande. Os pêssegos parecem também terem sido bastante apreciados, mesmo verdes (SAINT-HILAIRE, 1987). Alfred Crosby comenta em seu *Imperialismo Ecológico* o espantoso sucesso adaptativo destas duas árvores na América. Para este autor, elas comportaram-se como ervas, espalhando-se sem o direto concurso humano pela paisagem, tornando-se “mato” e colonizando amplos espaços de solo que anteriormente pertencia a outras plantas (CROSBY, 1993, p.137). Entretanto, o fato das laranjeiras figurarem nos inventários (nos quais, ao menos na Campanha, não encontramos referências a pessegueiros) como elementos de valor pode demonstrar não ter sido tão sem intenção a

---

<sup>15</sup> Ver SEPP, 1980; e MONTROYA, 1985.

<sup>16</sup> Livros de Ordens do Dia da Guerra do Paraguai – Fundo de Arquivos Particulares, L45, M17 – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS).

<sup>17</sup> O que também pode ser confirmado pelas listas de gêneros colhidos no Rio Grande e que constam nos Relatórios dos Presidentes da Província (AHRS – A07-01 a A07-06).

sua disseminação pela região.<sup>18</sup> Por outro lado, o consumo de frutas parece ter preocupado algumas autoridades. Quando se sucediam muitos casos de disenteria na Província, os relatórios dos presidentes culpavam, em geral, a má qualidade das águas dos rios próximos às cidades e vilarejos, e o amplo costume de se consumir frutas verdes.<sup>19</sup>

O uso de ervas medicinais pelos habitantes como forma de preservar o corpo e tratar doenças era, certamente, um costume difundido entre todos os grupos humanos que habitavam a região. Entre os grupos de ameríndios horticultores era costume manter em suas áreas de ocupação uma reserva de floresta para coleta e para repositório da farmacopéia (SOARES, 2000, p. 32). Esse conhecimento misturou-se ao do uso de ervas trazidas pelos europeus e pelos africanos formando o conjunto de medicamentos tradicionais usados tanto no campo quanto nas vilas e cidades. O uso das ervas como medicamento, que parece ser mais comum do que como preservativo da saúde, é, entretanto, um assunto maior que meu objetivo nesse artigo e que merece um tratamento em separado. O uso das ervas foi catalogado em trabalhos acerca das receitas médicas folclóricas e tradicionais do Rio Grande do Sul (SIMÕES, 1995) e que tematizaram as práticas populares de cura (WITTER, 2001).

Porém, não são somente aos hábitos ligados ao consumo que traduziam a interação da população do ambiente. A relação com o clima, especialmente com o frio, é bastante interessante nesse sentido. Saint-Hilaire se refere às freqüentes dores de garganta entre os habitantes de todas as regiões do Rio Grande de São Pedro em razão do frio e das bruscas mudanças de temperatura que ocorriam durante todo o ano. Outro francês, Arsène Isabelle, cuja passagem pelo Rio Grande do Sul se deu quase uma década mais tarde, descreveu com cores tenebrosas a forma como os habitantes eram maltratados pelo outono e inverno sulinos e pela quantidade de chuvas que ocorriam nessas épocas:

Nas cidades e vilas destas terras baixas (fronteira brasileira com o Uruguai) uma estação muito chuvosa traz consternação entre os

---

<sup>18</sup> Dois pés de laranjeira podiam valer quase o preço de um boi, por volta de 1830. Inventários *post mortem*. Alegrete. Cartório de Órfãos e Ausentes, maços 01 a 07. Cartório do Cível, maço 01. Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APRS).

<sup>19</sup> Relatórios dos Presidentes da Província (AHRS – A07-01 a A07-06).

habitantes; as comunicações tornam-se difíceis pelas cheias dos rios; os terrenos transformam-se em pântanos; as carretas de transporte ficam atoladas ou suas imensas rodas operam dificilmente sobre o eixo de madeira, levando meses inteiros para percorrer um caminho de trinta ou quarenta léguas. As habitações, mal fechadas, cobertas de junco ou de caniço deixam passar água: cada qual se encerra na sua casa; o comércio paralisa; tudo fica triste e enlanguesce, os animais tornam-se silenciosos e abatidos quando chove muito (ISABELLE, 1983, p.12).

A estação fria era vista como uma época em que inúmeras doenças podiam se manifestar. O inverno trazia maior suscetibilidade a gripes freqüentes e doenças bronquio-pulmonares, às quais Saint-Hilaire comenta em seu diário serem também bastante comuns entre os sul-rio-grandenses. Esse fato é também atestado pelos Relatórios dos Presidentes da Província, os quais fazem referência aos quadros nosológicos e necrológicos fornecidos pelas Santas Casas – em Porto alegre, Rio Grande e Pelotas – bem como a informações recebidas através de Portarias de consultas de alguns clínicos residentes nestas cidades e no interior.<sup>20</sup> Entretanto, Saint-Hilaire também observa, com grande admiração, a resistência, ou em suas palavras “pouco caso” que os sulinos faziam do frio. Os estrangeiros (e brasileiros do norte, em especial, os da Corte) em geral faziam uma descrição bastante embrutecida dos costumes da população do sul e, não raras vezes, comentam que estes preferiam expor-se ao frio a resguardar-se. Este parece ter sido um hábito comum, principalmente entre aqueles que estavam longe das vilas e cidades ou viviam em constante peregrinação pelo pampa (carreiros, soldados, mercenários, escravos, etc), os quais pareciam achar mais fácil acostumar-se às intempéries e traduziam tal comportamento como forma de proteção (pelo costume), de força e, até mesmo, de coragem. Os resguardos podiam ser vistos, inclusive, como um luxo ou uma tolice.

Freqüentemente meu guia tem sido convidado a pernoitar dentro das casas em que me hospedo, mas sempre recusa; dorme com os companheiros em volta do fogo que acendem fora para cozinhar. Dormem sobre um couro e de cabeça descoberta; não é ele a única pessoa insensível ao frio; todos os viajantes assim procedem. Nessa região, ao contrário de minas, não há ranchos, o que provoca nesse pessoal acanhamento de entrar nas casas, principalmente quando chove (SAINT-HILAIRE, 1987, p.24).

---

<sup>20</sup> AHRS – Relatórios dos Presidentes de Província (A07-01 a A07-06).

Porém, a tolerância ao frio não parece ter sido um comportamento comum apenas àqueles que viviam em movimento pelo interior da região. Num outro momento, ao cruzar pela cidade de Porto Alegre, o mesmo autor comenta:

Esse frio repete-se todos os anos. Toda a gente se queixa dele, sem contudo procurar meios eficazes de defesa contra o inverno. Apenas cuidam de agasalhar o corpo com vestes pesadas. Todos os habitantes de Porto Alegre usam em casa um espesso capote que, impedindo-lhes até os movimentos, não os impede de tremer de frio... Ninguém tem idéia de aquecer os quartos, trazendo-os bem fechados e munidos de lareira. (Apud NOAL FILHO e FRANCO, 2004, p.40)

O traço cultural que Saint-Hilaire chama de *insensibilidade*, pode também ser interpretado como um esforço destes homens e mulheres de acostumarem-se as intempéries como forma de forçar a resistência a elas. Não podemos esquecer que, neste período, próprias moradias eram, em sua maioria, muito toscas e, por vezes, miseráveis. Mesmo que já fosse possível encontrar casas de pedra e de alvenaria nas cidades maiores, algumas até com certo conforto, a maior parte da população vivia em ranchos de madeira revestidas com barro ou folhas de palmeira (como era mais comum no litoral), sempre muito frias e úmidas, cheias de frestas por onde o vento frio do sul entrava, e por isso mesmo com poucas janelas; os telhados eram feitos de capim, o assoalho de terra batida e os móveis eram mínimos. Telhas e a alvenaria foram luxos que somente se tornaram correntes na segunda metade do século XIX.<sup>21</sup>

## **O Salubre e o Insalubre: hábitos e olhares**

Apesar desses elementos, o Rio Grande continuou a ser descrito, ao menos por alguns observadores, como uma das mais, senão a mais salubre das províncias brasileiras. Este quadro apenas parecia ganhar cores diferentes quando o olhar dos cronistas se voltava para dois lugares específicos: a jovem capital da Província e as charqueadas. Os viajantes estrangeiros tiveram percepções diferentes a respeito de Porto Alegre. Para a sensibilidade romântica dos naturalistas Saint-Hilaire e Isabelle, nenhuma cidade poderia ter sido construída em melhor sítio, tão salubre e cheio de bons ares.

---

<sup>21</sup> Pode se perceber isso tanto com base nas descrições dos viajantes quanto dos inventários da época (existentes no APRS).

Nesse ponto, o segundo, que aí esteve em 1832, descreve um lugar quase idílico nos termos daquilo que seu olhar europeu crê de mais belo: “É o céu da Itália; são as paisagens e a vegetação da Provence; estamos em Porto Alegre!”. Já Saint-Hilaire, cujos comentários são, em geral, menos bem humorados e descendentes, embora admita a salubridade do sítio em que a cidade se coloca, vê nela a urbanização mais imunda do Brasil comparável ou superior à do Rio de Janeiro. Ambos, no entanto, registram aí apenas doenças do frio: resfriados e dores de garganta e, por vezes, tétano seguido aos ferimentos. Embora para os viajantes estas moléstias fossem aparentemente problemas menores, o mesmo não parece ter ocorrido com os habitantes, especialmente, aqueles que vinham de regiões mais quentes. É bastante comum encontrar em documentos como os Requerimentos, pedidos de dispensa de funções militares e até ajuda de custo para viajar para climas mais quentes a fim de tratar da saúde.<sup>22</sup> Até mesmo nas atas da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, pedidos como esses aparecem.<sup>23</sup>

As opiniões de ambos os autores comentados acima foram repetidas em quantidade por outros que visitaram Porto Alegre ao longo do século XIX. Na coletânea *Os Viajantes Olham Porto Alegre, 1754-1890*, organizada por Valter Noal Filho e Sérgio da Costa Franco (2004), é possível perceber, quase como um padrão, a continuidade das descrições que enalteciam a natureza e a localização da cidade, mas que divergiam no tocante a sua organização e a vida urbana. Enquanto uns mantiveram os elogios, outros (dependendo de sua naturalidade e origem social) a depreciaram, fazendo clara oposição entre esta e sua localização natural.

Contudo, entre fins do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, o local mais insalubre de toda a província era certamente aquele em que ficava o centro mais dinâmico de sua economia: as charqueadas. As tropas de gado vindas das estâncias eram aí sacrificadas e as carnes salgadas, para serem vendidas para o centro do país. O processo era certamente um modelo de

---

<sup>22</sup> AHRS – Fundo Requerimentos: M35.

<sup>23</sup> Atas da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre – Livro 1, Centro de Documentação e Pesquisas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (CEDOP/ SCMPA).

insalubridade e de ameaça para a saúde como um todo, em especial, para os que ali trabalhavam, mormente para a escravaria. Em 1822, o Visconde de São Leopoldo alertava as autoridades dos perigos existentes na forma de condução do trabalho nas charqueadas:

Seria [...] útil que se prescrevessem regulamentos coercitivos para a limpeza e aceio (sic) das charqueadas, pois que a demora do sangue, urina e resíduos dos animais, além de ser uma origem de infecção, torna esses lugares ascosos e nojentos, e só serve de multiplicar uma praga de moscas e de daninhos ratos, tão grandes que chegam a imitar os gatos.<sup>24</sup>

As referências a animais daninhos, como moscas, mosquitos, motucas, ratos, não são raras entre os cronistas e observadores, mas certamente em nenhum outro espaço como no ambiente das charqueadas, estes proliferavam de forma tão rica e repugnante. A eles se somava a visão das carnes expostas (cheias de moscas varejeiras) e dos restos putrefatos do que não servia para a economia dos senhores, os quais eram, na grande parte das vezes, jogados em rios e riachos próximos.

No que diz respeito aos costumes que se referiam à higiene pessoal e não apenas aos espaços, os comentaristas são mais elogiosos aos riograndenses do século XIX do que aos do XVIII. Quando esteve na região, Saint-Hilaire teceu diversos comentários ao asseio e ao fato de estar bem vestida a maioria das mulheres com encontros, sendo que o total “desleixo” somente é visto entre as mais pobres e as mestiças. Uma observação cuja conotação cultural é óbvia, pois ficam claros aí os preconceitos do observador e seu olhar de estrangeiro. Por outro lado, também não podemos nos deixar enganar pelas palavras. A noção de asseio do século XIX, mesmo de um homem “de ciência” europeu, como era Saint-Hilaire, não é certamente a mesma que temos nos dias atuais. A limpeza deste período ainda era uma questão de rostos e mãos razoavelmente lavados e de corpo e cabelos desembaraçados e livres – o quanto fosse possível – de parasitas aparentes (VIGARELLO, 2001). Nesse sentido, é também ele que menciona rapidamente, em uma das casas que é acolhido, a presença de roupas de dia e *roupas brancas*.

---

<sup>24</sup> PINHEIRO, J. F. (Visconde de São Leopoldo). *Annaes da Província de São Pedro* (1822) (Apud CORSETTI, 1983, p. 154).

Terminado o meu trabalho, pedi licença ao dono da choupana para pernoitar em sua casa, sendo atendido. Essa é construída de madeira cruzada, revestida de folhas de palmeiras, que também entram na sua cobertura. Compõem-se de um celeiro sem porta e um quarto desprovido de janela e mobiliário, onde a **roupa branca** e o vestuário de toda a família são estendidos sobre traves (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 14).

Georges Vigarello (2001) demonstra em sua *História das Práticas de Saúde* ser o uso de roupas brancas – as chamaríamos hoje de “roupas de baixo” – sob as “vestes de dia” e sua troca regular como um substituto do que para hoje seria o banho. A roupa branca atuaria como uma espécie de esponja na sujeira acumulada do corpo (p.88-90). Sobre a anotação anterior de Saint-Hilaire pode-se, contudo, especular o seguinte: o uso das roupas brancas podia ser algo tão comum e difundido que não era digno de nota por qualquer observador, o tipo de hábito que de tão constante torna-se invisível, afinal o autor não dá maior atenção além da simples constatação de que esta estava estendida sobre “traves”. Por outro lado, ele também pode não ter comentado o fato outras vezes, pelo simples motivo de não tê-lo visto ou notado. A respeito das roupas brancas existe ainda uma outra descrição, datada de 1797, feita por um aventureiro inglês. Entretanto, esta parece ser por demais fantasiosa em seus elogios à alvura e delicadeza dos tecidos.

O povo, [...] ao contrário do da metrópole, é notavelmente asseado e traja de modo esplêndido; a sua roupa branca em que parece zelarem muito, é excessivamente fina e sempre parece tão limpa que logo predispõe o estrangeiro a favor de seus donos; não obstante haver sempre levado o asseio de minha pessoa ao extremo; no Porto de São Pedro eu fazia apenas figura de segunda ordem, pois, tal é o efeito do sol e a preza da água, que a roupa branca dos habitantes tinha uma alvura além de toda a imaginação. (CÉSAR, 1998, p.156).

No século XVIII, porém, a maioria dos cronistas que louvavam a salubridade dos espaços eram unânimes em deplorar a sujeira física dos habitantes da província (com exceção do exemplo citado acima). Certamente, não se pode, com base nesses testemunhos, querer crer que as populações de outras regiões do Brasil fossem de todo mais asseadas que as do sul. Porém, para alguns dos observadores a pouca diligência com a higiene, sem fazer com isso qualquer comparação com outras partes do país, era entre os sulriograndenses – descendentes de brasileiros, pois entre aos

descendentes de europeus o mesmo autor tece elogios (o deixa bem claro o tipo de olhar que ele lança sobre a população) – digna de nota (CÉSAR, 1998, p. 133).

A partir da década de 1840, os governantes começaram a demonstrar uma maior preocupação com as mazelas da urbanização e da quantidade de tropas militares que grassavam pelo território. No que diz respeito às doenças que acompanhavam os soldados, parece que o saldo pós Revolução Farroupilha foi dos mais terríveis para a saúde da Província. Os presidentes passaram a colocar com mais freqüência em seus relatórios referências ao tifo, febre escarlatina, bexigas (varíola), disenterias, a maioria destas entre os soldados de algum forte ou guarnição de fronteira, mas também entre a população das maiores cidades – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. A vacina, cuja implantação entre os soldados e parte da população, datava da colônia, tornou-se uma preocupação constante (MIRANDA, 2000, p. 135). Os relatórios dos presidentes apontam os mapas dos vacinados e a incidência da doença entre estes.<sup>25</sup> Entretanto, dela decorreram dois problemas, o mau uso da variolização como forma de imunização, o que veio a causar epidemias e morte, como, por exemplo, a de Santa Maria, no interior da Província, em 1863 (WITTER, 2001, p.100) e em diversas ocasiões em Porto Alegre<sup>26</sup>. E o fato de que:

Em rigor o povo só concorre a procurá-lo no momento em que, pelo desenvolvimento da epidemia se lhe autolha (sic) o perigo: dessa inércia e inqualificável imprevidência, resulta que, algumas vezes, quando a vacina é mais procurada, há falta de pus.<sup>27</sup>

Além da varíola, pequenos surtos epidêmicos de doenças diversas (sarampo, febres terças e quartãs, disenterias, tifo, escarlatina, entre outras) passaram a pulular em todo o território de forma anual. Os presidentes chegavam a referir-se ao que chamavam de “epidemias de estação”, isto é, doenças de um espectro mórbido e coletivo maior que o considerado normal e que se sucediam anualmente de acordo com as condições do clima e do

---

<sup>25</sup> RELATÓRIO do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Manoel Antônio Galvão – 1847. AHRS – A7.02; e RELATÓRIO do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu – 1854. AHRS – A7.06.

<sup>26</sup> Correspondência dos Governantes (CG) M25 e M26 – AHRS.

<sup>27</sup> RELATÓRIO do Presidente da Província, *Op cit.*, 1854. AHRS – A7.06.

comportamento dos sujeitos no todo social. Entretanto, o ambiente continuou a ser festejado, como mostra o trecho à seguir, escrito pelo Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, presidente da Comissão de Higiene Pública, ao Presidente da Província em 1855.

Assim, é que não se tem podido estabelecer um sistema conveniente para se fazerem os despejos públicos nem alcançar outras providências que são indispensáveis por despenderem despesas, sendo que eles ainda se fazem no centro da cidade e mesmo nas ruas principais, e desta falta nascem a bem do incômodo que causam esse estado das ruas, dois males cujos resultados todos os dias se tem vendo-se conservar a cifra da mortalidade, sendo tão benéfico o clima em que a província nos colocou. (CG – AHRs, M26, 1855)

Logo, a culpa passou a recair sobre a água consumida, os produtos vendidos nos mercados e a sujeira das ruas das cidades maiores, as quais passaram a figurar na agenda de preocupações de políticos, médicos e população. As noções do que era salubre e insalubre parecem modificar-se e passam a integrar-se, como já ocorria na Europa e em outros lugares do mundo, às capacidades humanas de alteração do ambiente. A noção de que se poderiam tornar as condições de vida mais saudáveis passa, lentamente, a ser indicada, assim como a necessidade de uma ação coordenada sobre o meio para a manutenção de sua benignidade e para evitar a sua deterioração pela ação humana. É claro que esta foi uma alteração processual e complexa e que merece, em si, um estudo específico que não cabe nas dimensões deste artigo.

## **Conclusão**

O sul do Brasil foi descrito, entre os séculos XVIII e boa parte do século XIX, como um dos mais aprazíveis e salubres sítios da América portuguesa. As temperaturas mais baixas nos meses de outono, inverno e primavera foram, muitas vezes, interpretadas como sendo mais saudáveis do que o calor tropical. Os primeiros observadores quase não notaram doenças, ou “procuraram” não notar. As febres e sezões pareciam a estes serem varridas pelos ventos constantes que purificavam e higienizavam o ar, como pretendeu Saint-Hilaire. As epidemias do século XVII pareceram ter arrefecido sua fúria durante o século seguinte e a primeira metade do posterior (sendo a epidemia de cólera de 1855, o marco do fim desta trégua). É certo que, nesse caso, são necessários estudos

mais aprofundados, com outras fontes documentais, os quais podem modificar essa idéia. Porém, apesar dos elogios, não foi sobre um ambiente de “perfeita” conexão com a saúde que as noções de salubridade e insalubridade da população sulriograndense se construíram.

Doenças de estação, doenças de alimentação, doenças que acompanhavam grupos humanos itinerantes e pouco higiênicos (como os exércitos), entre outras, povoaram o cotidiano dos habitantes e certamente estiveram presentes na percepção do que era próprio para a saúde e o que não era. Entretanto, esse ambiente parece ter sido capaz, mesmo com as diversidades apontadas, de sugerir descrições abonadoras. Com a intenção de fazer propaganda ou apenas de descrever o que se via ou ouvia dizer, os cronistas da Província de São Pedro contribuíram para a construção de um entendimento do ambiente que o reputava mais saudável e menos inóspito que o das regiões tropicais do Brasil. Essa reputação, tão longamente construída, conseguiu manter-se mesmo após o flagelo das epidemias da segunda metade do século XIX e do início do século XX. E se nos basearmos na interpretação de Belisário Penna e de vários sanitaristas gaúchos: no sul, não era o ambiente que vitimava os homens. E, sim, os homens que dilapidavam as benesses que o meio lhes proporcionava.

## **Bibliografia**

CÉSAR, Guilhermino. *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul, 1605-1801*. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1998.

CORSETTI, Berenice. *Estudo da Charqueada Escravista Gaúcha no século XIX*. Rio de Janeiro: UFF, 1983, (Dissertação) Mestrado em História.

CROSBY, Alfred. *Imperialismo Ecológico. A expansão biológica da Europa, 900 – 1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

CZERESNIA, Dina. *Do Contágio à Transmissão*. Ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GRMEK, Mirko. Decline et Emergence des Maladies, *in História, Ciências, Saúde – Manguinhos* II (2), Jul.-Oct. 1995, pp. 9-32.

HAMEISTER, Marta Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, (Dissertação) Mestrado em História Social.

HEGENBERG, Leônidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983.

KÜHN, Fabio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LADURIE, Emanuel Le Roi. Un concept : L'unification microbienne du monde. (Siècles XIV-XVII)", *in Le Territoire de L'historien 2* (Paris, 1978).

McNEILL, William. *Plagues and People*. New York: Anchor Books Edition, 1989.

MIRANDA, Marcia E. *Continente de São Pedro: Administração Pública no período colonial*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS/ Ministério Público do Estado do RS/ CORAG, 2000.

MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual: feita pelos religiosos da companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

NOAL FILHO, Valter e FRANCO, Sérgio da Costa. *Os Viajantes olham Porto Alegre, 1754-1890*. Santa Maria: Anatterra, 2004.

PENNA, Belisário. *Passado, presente e futuro do Rio Grande do Sul*. Folhetos Impressos – Biblioteca Central da PUCRS.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. Jesuítas e Pajés nas Missões do Novo Mundo, *in* CHALHOUB, S. *et alli* (org.s). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003, pp. 231-272.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço nos Chama*. Milicianos e Guardas nacionais gaúchos (1825-1845). Porto Alegre: PUCRS, 2001. (Dissertação) Mestrado em História.

ROSEN, George. *Uma História da Saúde Pública*. 2 ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1993.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1987.

SEIDLER, Carl. *Dez Anos no Brasil (1846)*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2003.

SEPP, Pe. Antônio von Rechegg. *Viagem às Missões Jesuítas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte : Itatiaia , 1980.

SIMÕES, Cláudia. *Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul*. 4 ed. Porto Alegre:Ed. da Universidade/ UFRGS, 1995.

SOARES, André. Horticultores Guaranis no sul do Brasil, in QUEVEDO, J. *RS, 4 Séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

VIGARELLO, Georges. *História das Práticas de Saúde*. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.

WATTS, Sheldon. *Historia y Enfermedad*. Santiago de Chile: Galileu, 2001.

WITTER, Nikelen. *Dizem que foi feitiço*.As práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880). Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.

#### **Abstract**

Until the beginning of the XX century, the importance given to the environmental factors in the understanding of the health did with that good part of the documentation produced on the subject it reputed Rio Grande do Sul a superior salubrity's degree in relation to other parts of the Brazil. Rulers, healers and travelers made a reading of the climate and in the ways of life like the origin of an extremely healthy atmosphere for the human life and your reproduction. That article has for objective to do a rising of the factors that contributed for the idealization, as well as an inventory of the diseases lived by the inhabitants of the south of the country. Our intention is, through these, to notice the value of both in the construction of the understanding of the health and of the illness that there passed to do part of the culture and of the social action.

#### **Key Words**

Illness – health – Rio Grande do Sul – XVIII and XIX Centuries.